

1998 – REVISTA/MAGAZINE – AUSTRAL Nº 27

TELES GRILO, Maria João (1998) “Arquitectura Colonial”, in revista Austral, nº 27, revista de bordo TAAG

TELES GRILO, Maria João (1998) “Colonial Architecture”, in Austral magazine, nº 27, TAAG on-board magazine

ARQUITECTURA COLONIAL

(...)

É entre dois anacronismos, o forte medieval e a prefabricação que se situa "O Colonial".

Se na Europa o considerado património histórico até ao alvorecer da arquitectura moderna passa pelo reconhecimento mais enciclopédico dos estilos da História da Arquitectura Ocidental, em África o seu reconhecimento passa pela identificação de vários impactos de proveniências diversas, de que se destacam:

- O impacto da presença europeia e a importação directa de modelos.
- O impacto europeu indirecto proveniente do Brasil trazido por escravos livres que se vieram instalar na terra dos seus antepassados trazendo com eles uma maneira de fazer e estilos arquitectónicos inéditos, fruto de uma aculturação gerada pela interacção do desenvolvimento industrial na Europa e as arquitecturas vernáculas africanas no sentido estrito.
- As influências intra-africanas

Todos eles, factores cuja interacção e predominância devem ser avaliados com prudência porque historicamente estão carregados de equívocos e mal entendidos já que o impacto ou a reutilização dos modelos adquiriram expressões diferentes consoante o contexto social e cultural onde foram introduzidos.

(...) A sua falência é menos a falência de um pensamento arquitectónico do que a falência de um sistema em que ela se baseia - a combinação entre técnicas e princípios ideológicos inspirados em grande parte no movimento higienista que se constituiu na Europa na segunda metade do séc. XVIII.

Sob o ponto de vista geopolítico a arquitectura colonial pode ser considerada como elementar, como elementar podia ser considerada a Física antiga que se ocupava do ar, do fogo, da terra e da água:

(...) O urbanismo nas cidades coloniais portuguesas foi uma arma pouco usada já que só nos finais do sec. XIX, Luanda, animada por alguma efervescência económica, assiste a uma sistematização da área de desembarque, à pavimentação de ruas e a construção de algumas obras públicas de vulto: o hospital Maria Pia, a Câmara municipal, a Capitania, ...Data de 1885 uma das peças mais notáveis de arquitectura colonial, vulgarmente conhecida por Palácio de Ferro e atribuída a Eiffel.

Paradoxalmente, o espaço urbano resultante é aquele que se podia esperar de uma sociedade urbana pré-colonial séc. XVIII e XIX. Luanda só conhece o seu primeiro plano de urbanização em 1942 elaborado por Etienne de Groer e D. Moreira da Silva, acusando um deslocamento enorme em relação ao desenvolvimento das outras colónias, usadas como base de produção industrial e de material bélico durante a segunda guerra mundial, o que gerou um grande impulso no seu desenvolvimento.

Pouco a pouco, sob a dupla influência dos dados climáticos, das considerações higienistas e dos imperativos funcionais que o "boom" do comércio provocou, vão-se definindo, nos finais do séc. XIX as principais características da arquitectura colonial reconhecíveis sobretudo nos edifícios administrativos, hospitais, habitações unifamiliares da burguesia, nas unidades industriais e nos estabelecimentos comerciais: Edifícios de dois pisos, de estruturas de ferro revestidas ou à vista, nos edifícios de utilização pública, e em argilas misturadas com cimento e pedras'as fundações e as paredes, nos edifícios de habitação. O rés-do-chão era usado para serviços comerciais ou dependências das habitações que

ocupavam sempre o andar nobre. Os tectos eram duplos e com caixas de ventilação. O acesso, central em relação a composição simétrica da fachada, fazia-se por grandes escadarias. Alpendres cobriam varandas circulares evitando uma insolação directa. Além do uso sistemático de chapas metálicas na cobertura, de ventilações transversais e do descolamento da base do edifício em relação ao solo... Alguns destes elementos como as paredes sobre elevadas, a varanda circular, eram presentes na arquitectura local. A arborização da cidade como regulador térmico e "argamassa" duma orografia sujeita a uma forte erosão passou a ser um factor de preocupação das autoridades coloniais. No início a funcionalidade pré-fabricada era simbólica: as primeiras casas importadas não eram usadas como residências dos seus proprietários mas expostas como troféus. Só mais tarde ela foi, progressivamente exercendo a sua influência sobre a utilização dos materiais, processos de fabricação, coberturas, janelas,... Ela foi pouco a pouco digerida e difundida por todo o tecido social. É menos visível a influência do modelo em si. Este constituiu sobretudo o ponto de partida de uma sequência de transformações. A utilização mais sistemática da cobertura em metal é uma das assimilações mais notórias: (...) O desenvolvimento da produção em série de exuberantes escadas, janelas que criaram tipologias, balaustradas, eram por vezes aleatoriamente aplicados num exercício de "barroquismo" deslocado do tipo de habitação ou edifício público em causa. O rigor tipológico da sua utilização era um caso limite dentro de um conjunto mais vasto onde os elementos de série eram alterados para dar a um corpo uma certa carga formal.

Um dos pilares do impacto da presença europeia passa por uma verdadeira "mise en scène" do poder colonial na organização do espaço e na imagem exterior que os edifícios coloniais queriam oferecer deles mesmos: simetria, rigor e solenidade. Para a arquitectura e para o urbanismo em conjugação, o poder praticava um espécime de sugestão de ordem, como se a vista deste espectáculo devesse convencer o colonizado que aquele era o figurino do bem.

(...)

Maria João Teles Grilo

in Arquitectura Colonial, revista Austral nº 27 - 1998